

Clínica com crianças: compreendendo o brincar como maneira de expressão.

Vanessa Fontenele Magalhães

Graduanda em Psicologia

Faculdade Luciano Feijão - FLF

RESUMO

O artigo trata sobre a compreensão do brincar como maneira de se expressar na clínica terapêutica. É sabido que nem sempre a criança teve o seu direito de brincar como atividade corriqueira, pois retomando a história ficou perceptível o quanto a criança era tratada como um adulto em miniatura, que tinha obrigação de trabalhar, até que no decorrer dos tempos a criança foi inserida como ser de direitos e tratada com dignidade e compreendida como um ser em desenvolvimento. Através do brincar a criança se desenvolve, pois brincando se envolve com o meio e é por meio desse processo que ocorre o desenvolvimento do ser humano como totalidade.

Palavras-chave: Brincar; Clínica infantil; Gestalt-terapia.

ABSTRACT

The article deals with the understanding of play as a way of expressing itself in clinical practice. It is well known that the child has not always had the right to play as a commonplace activity, since resuming the story it became clear how much the child was treated as a miniature adult, who had an obligation to work, until in the course of time the child was inserted as a being of rights and treated with dignity and understood as a being in development. Through play the child develops, because joking is involved with the environment and it is through this process that the development of the human being as a totality occurs.

Keywords: Play; Children's clinic; Gestalt therapy.

INTRODUÇÃO

Brincar é uma atividade que vem sendo desenvolvida desde muito tempo, já se passaram diversos modos de brincadeiras, como conta minha avó em suas histórias, dizia que a brincadeira dela era brincar de boneca feita de espiga de milho ou de cavalinhos construídos do que caía do pé de Carnaúba, pra ela tudo que envolvesse diversão era brincadeira. Já atualmente, as crianças têm estado muito conectadas e brincando de maneira virtual. Mas falo sobre isso para demonstrar como nos envolvemos com o meio no brincar e assim nos tornamos quem somos.

O interesse pelo tema surgiu a partir da disciplina de Psicoterapia Infantil, onde tive a oportunidade de adentrar em um mundo onde antes não me causava tanto interesse; o manejo

clínico com crianças e suas implicações. Porém, depois da disciplina pude ampliar minha visão e me envolver com o tema.

Este trabalho buscou compreender brevemente o brincar e o universo da criança, perpassando pelo histórico da infância, onde pude explanar a respeito da história e trazer a compreensão de que nem sempre as crianças tiveram seu espaço e foram respeitadas no direito de ser criança. Logo em seguida busquei desenvolver o que seria esse brincar em terapia, como esse processo acontece e de que maneira o terapeuta se envolve.

O artigo tem o objetivo de discutir a questão do trato clínico com crianças através do brincar, a partir de uma visão de homem biopsicossocial da Gestalt-terapia. Objetivando compreender o processo histórico da vida das crianças e como o brincar afeta no seu desenvolvimento como pessoa relacionada com o meio.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - História da infância:

É importante iniciar alertando para o fato que o conceito de infância atualmente estabelecido nem sempre foi visto desta maneira. Existe todo um processo histórico e social que permeia a infância, que foi construído de acordo com as formas de se organizar em sociedade e também de acordo com as transformações culturais. A criança nem sempre foi vista como um ser indefeso e que necessitava de cuidados.

De acordo com Bernartt (2009), na Idade Média, a taxa de mortalidade infantil era muito alta e as crianças que sobreviviam não conviviam com sua família, eram criadas por amas de leite, quando estas eram de famílias ricas e outras crianças iniciavam no mundo do trabalho precocemente. Bernartt (2009 apud ARIES, 1981), não existia uma transição da infância para a idade adulta, pois as crianças eram percebidas como adultos em menor escala. Como destaca:

Na idade media, no inicio dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram considerados capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja aproximadamente, ao sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrasava numa mesma torrente as idades e as condições sociais [...] (BERNARTT, 2009 apud ARIES, 1981, p.275).

É perceptível que na Era Medieval, a infância era completamente ignorada, não havia um sentimento de infância ou lugar para tal, assim como descreve Bernartt (2009 apud ARIES, 1981):

[...] o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIES, 1981, p.156)

Todo esse histórico de negação à infância se dava ao fato de como a sociedade enxergava a infância. Não havia uma conscientização de negligência às crianças, era apenas a forma cultural de lidar com crianças. O sair da infância era caracterizado apenas pela dependência, a partir do momento em que a criança não dependia mais de sua mãe ou das amas de leite, ela estaria pronta para iniciar a vida autônoma.

Lima e Lima (2015), destacam que até o século XVII a criança era vista como um adulto em miniatura, a criança era igualada ao adulto no que dizia respeito a maneira de raciocinar, de sentir, a criança tinha os mesmos elementos que constituíam um adulto. Existia um foco na mão de obra infantil, não havendo distinção de classes sociais, crianças a partir de sete anos de idade já iniciavam atividades em casas de outras famílias para aprenderem como funcionavam os serviços relacionados ao lar. Não havendo nenhum cuidado, o importante era a força de trabalho do titulado “adulto em miniatura”.

Como já mencionado anteriormente, a criança não convivia com a sua família de origem e nem tinha um ponto de referência fixo. Segundo Lima e Lima (2015), não havia referências educacionais, valores morais ou mesmo afetos direcionados à criança. Amamentar não era uma tarefa destinada à mãe, mas sim às amas de leite, essas que por muitas vezes eram consideradas as mães, apenas pelo fato de amamentarem.

A criança, obviamente, sempre esteve presente em todos os períodos da humanidade, porém, o que difere são as formas de tratamento que cada sociedade e cultura projetavam no conceito de infância. Perpassando por Bernartt, 2009 (apud SARMENTO; PINTO, 1997), foi a partir da Idade Moderna que a infância passou a ser uma categoria social.

Bernartt (2009 apud ARAÚJO 2007), é no Renascimento que surge a centralidade da infância. A partir do momento em que o homem situou-se como sujeito humano produtor do próprio destino e colocando a razão acima da fé divina, surge a preocupação com a criança.

Foi a partir deste momento que a infância passou a ser tratada como um investimento das possibilidades de construir um futuro para a humanidade.

A partir desta lógica, a criança foi entendida como ser humano de extrema importância para a sociedade, tendo em vista que esta poderia ser desenvolvida, formada e educada. De acordo com Lima e Lima (2015), foi a partir da Revolução Industrial, quando houve o avanço da política econômica e social, que a criança é reconhecida e merecedora de cuidados e educação. Sendo esta educação e afetos de responsabilidade da família de origem.

Bem diferente da Idade Média, atualmente a criança tem seus direitos previstos por lei, que dizem de obrigações à educação de qualidade e afeto, de acordo com Lima e Lima (2015):

A criança, hoje, é compreendida como um ser social que tem vez e voz própria, que deve ser cuidada, ouvida, educada e tratada com seriedade e zelo. Com a criação do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), em 1990, foi legitimado o discurso pelo cuidado e registrado avanço nas políticas públicas voltadas para a criança e o adolescente. (LIMA; LIMA, 2015).

Embora hoje em dia, algumas crianças ainda tenham seus direitos cerceados, não é como antigamente, onde era legitimado e não havia conscientização, atualmente existe toda uma política voltada para o combate ao trabalho infantil e uma campanha muito forte para que a criança viva a sua infância e a desfrute da melhor maneira possível, brincando, fantasiando e não trabalhando ou vivendo como um adulto.

1.2 - O brincar como forma de expressão, de acordo com a Gestalt-terapia:

Faz-se necessário iniciar trazendo a concepção de homem e de mundo, fundamentados nos conceitos das escolas de pensamento que baseiam a Gestalt-terapia: o Existencialismo e a Femenologia e o Humanismo. Pois é sabido que para o bom funcionamento de um processo terapêutico, é de extrema importância compreender as noções do que seja homem e o mundo, onde o mesmo está inserido.

De acordo com Lima e Lima (2015 apud KIYAN, 2006), é no humanismo filosófico que o homem é visto como centro, apenas ele “existe” e as coisas “são”. Perpassando por esta lógica de homem como centro, é possível compreender o ser humano como ser em constante transformação, nunca será o mesmo sempre. Já se tratando da visão fenomenológica, esta busca compreender o fenômeno que se revela, descrevendo-o fielmente. Ao se tratar do

Existencialismo, a compreensão do homem se dá quando o pensamos como um ser livre e ao praticar esta liberdade ele existe e torna-se responsável por ela.

A Gestalt-terapia, segundo Lima e Lima (2015 apud AGUIAR, 2014), possui duas bases filosóficas que a fundamentam: o existencialismo e a fenomenologia, e difere das outras abordagens pelo fato de a mesma possuir uma visão integral do homem e da realidade que nos cerca, sem fragmentos, ou seja, o conceito de holismo.

“[...] A concepção holística de homem e de mundo acredita que o universo – ele mesmo uma totalidade – organiza-se em um número infinito de totalidade que contém em si outras totalidades menores, que por sua vez, abarcam outras totalidades e assim por diante, até chegarmos ao indivíduo, ele mesmo também uma totalidade” (LIMA; LIMA, 2015 apud AGUIAR, 2014, p. 28).

Perpassando por essa lógica holística, podemos compreender o homem como sendo universal e dotado de características para além do físico, levando em consideração todo o meio e a realidade que lhe compõe. E, obviamente, a criança também está incluída nesta concepção, de enxergá-la em sua totalidade, que compreende toda a sua existência e experiências acumuladas no decorrer de seus primeiros anos de vida.

E ao se falar de criança, nos remetemos às brincadeiras, ao brincar. Segundo Rodrigues e Nunes (2010), “a etimologia da palavra brincar é controversa. Teria origem alemã *blinken* significa agitar-se; ou do latim, tendo como radical *brinco* e raiz morfológica, *vinculum*, que quer dizer vínculo. Portanto refere-se ao divertir-se, constituindo-se em uma atividade de ligação ou com algo em si mesmo ou com o outro” (RODRIGUES; NUNES, 2010).

Toda criança em qualquer lugar do mundo brinca, por mais que existam adversidades, sempre existirá o desejo de brincar. Em Rodrigues e Nunes (2010), o brincar é uma atividade que vem evoluindo de acordo com a humanidade e traz consigo a carga do processo de aprendizagem e de se descobrir como ser humano, onde através dessa prática colabora com a construção cultural de uma sociedade. Cabe ressaltar as mudanças no modo de brincar, que atualmente vem sendo aderida às tecnologias, fazendo com que crianças estejam limitadas a uma tela virtual para se divertir.

Através da brincadeira a criança se desenvolve, pois brincar implica se envolver, e de acordo com Lima e Lima (2010 apud AGUIAR, 2014):

“O ser humano cresce e desenvolve-se ao longo do tempo na e a partir da relação: nós existimos em relação, não havendo outra forma de nos constituirmos que não seja essa. É na interação ininterrupta com o mundo, desde o nascimento até o fim de sua vida, que o ser humano diferencia-se, transforma-se e desenvolve-se como uma pessoa com características próprias” (AGUIAR, 2014, p. 30).

Surge então o conceito chave da Gestalt-terapia o homem na totalidade biopsicossocial, consideração que deve ser crucial para o entendimento do terapeuta na prática clínica, pois é através dessa postura do saber que será norteado em suas ações no tratamento com o sujeito humano que busca ajuda.

Lima e Lima (2010) trazem para reflexão o brincar e a abordagem gestáltica como relacionais e atentam para o fato de que o desenvolvimento da criança vai dizer do brincar partindo para o lado terapêutico que venha como facilitador da maneira de se expressar da criança. E este desenvolvimento da criança acontece de forma constante com o seu meio, quando ela vai ao espaço terapêutico ela estará cercada pela família, por suas fantasias, pela escola.

A importância do brincar no trato com crianças vem apenas como sendo um facilitador de sua expressão, do seu modo de se colocar no mundo e nele estar. Quando o terapeuta brinca com uma criança ele deve adentrar este mundo sem barreiras de julgamento, para que possa ser possível a compreensão da mensagem que a criança passa nas entrelinhas da brincadeira, onde constarão suas emoções, angústias.

Por meio do brincar, pode-se promover na criança as reconfigurações necessárias ao bem-estar e ao resgate de um funcionamento saudável na sua interação com o meio. Neste viés, a Gestalt-terapia pode ser uma grande aliada para atingir tal objetivo de maneira efetiva, já que entende a criança como um ser único e singular, que se desenvolve nas relações e que precisa ser entendida em seu meio (RODRIGUES; NUNES, 2010 apud NUNES; PEDROSO, 2002).

A participação do terapeuta no processo de brincar deve ser crucial para o envolvimento terapêutico com a criança, deve ser uma relação de acolhimento e limites estabelecidos em meio as atividades, não deixando de lado a compreensão de autonomia que a criança deve ter no processo terapêutico, sempre tentando compreender o tempo da criança, permitindo que a própria criança se expresse livremente sobre o que lhe causa e como causa.

2. METODOLOGIA

O caráter metodológico que envolve este artigo é de abordagem qualitativa e bibliográfica, que buscou realizar uma breve revisão de literatura a respeito do tema clínica com crianças e a compreensão do brincar como maneira de expressão. Foram utilizados como dados para coleta de informação; artigos que estavam contidos em plataformas virtuais como PEPSIC e Scielo, estes que diziam sobre o brincar na visão Gestalt-terapeuta e também artigos de cunho histórico, como sobre a história da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou levar a compreensão a respeito da clínica com crianças e o brincar como forma de expressão e linguagem, perpassando por uma lógica Gestalt-terapeuta no manejo clínico. De acordo com o que foi pesquisado e estudado sobre o tema é notório que existe uma produção ainda muito restrita a respeito do tema, o que dificultou um pouco o processo de unir autores e obras que falassem sobre. É um campo de estudo bastante interessante e que pode ir além da Psicologia e da abordagem Gestalt-terapeuta, tendo em vista que o brincar é algo construído social e culturalmente.

REFERÊNCIAS

BERNARTT, Roseane Mendes. **A infância a partir de um olhar sócio-histórico**. Outubro, 2009;

LIMA, Gerlena Correia; LIMA, Deyseane Maria Araújo. O brincar como meio facilitador da expressão da criança sob a perspectiva da gestalt-terapia. **Revista igt na rede**, 2015;

RODRIGUES, Priscila; NUNES, Arlene Leite. Brincar: um olhar gestáltico. **Abordagem gestalt**, Goiânia, v. 16, n. 2, dez. 2010.